

Série:
OS DEZ MANDAMENTOS
Domingos Especiais

TERCEIRO MANDAMENTO

“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão”
(Êxodo 20:7).

INTRODUÇÃO

Como vimos anteriormente, os quatro primeiros mandamentos tratam dos deveres do homem para com Deus. O primeiro nos ensina a quem devemos adorar, enquanto o segundo, a maneira como devemos adorar. O terceiro mandamento nos informa a respeito da exigência de Deus quanto à forma reverente ou ao correto espírito de adoração – e isso relacionado ao nome de Deus. Mas o que há de tão importante em um nome?

A importância de um nome

A tarefa de dar nomes é tão antiga quanto a própria existência do homem na Terra (Gênesis 2:19). A Bíblia diz que, no dia em que Adão foi criado, ele nomeou todas as aves, animais selvagens e animais domésticos. Imagine a alegria e satisfação que ele teve ao utilizar de forma plena a sua perfeita criatividade! Nomear envolve inteligência, capacidade de decisão e também indica autoridade, superioridade e direito de posse ante os objetos nomeados.

Mas sabe o que existe de tão importante em um nome? Bem, o nome corresponde à identidade da pessoa. É a

sua “marca registrada”. O nome resume em uma palavra quem você é e declara a quem você pertence.

Nos tempos bíblicos, um nome possuía alguns ingredientes a mais:

- 1) *Revelava o caráter de uma pessoa.* Cada nome resumia, em essência, quem era o indivíduo; era uma história de vida sumarizada em uma palavra. Moisés, por exemplo, significa “tirado das águas”, representando aquilo que ocorrera logo na sua infância. Isaque significa “riso”, devido à experiência que Abraão e Sara tiveram ao gerar o filho na velhice. Nos bastidores de cada nome havia sonhos, ideais, vitórias, fracassos, decepções, defeitos ou virtudes. Alguns desses nomes eram verdadeiras “orações subentendidas” dos pais na esperança de que seus filhos fossem vencedores ou pessoas devotadamente consagradas. Eva, por exemplo, deu o nome do seu primogênito “Caim”, que significa literalmente “Adquiri um varão, o Senhor”. Quando Eva segurou Caim nos braços, provavelmente se lembrou da promessa divina (Gênesis 3:15) e, acariciando a esperança de que ele fosse o Libertador prometido, deu-lhe o nome de Caim, “adquirido”. Mal sabia ela que aquela criança se tornaria o primeiro assassino do mundo.
- 2) *Simbolizava a unidade entre duas pessoas.* Nos tempos bíblicos, quando alguém dava o seu próprio nome para outra pessoa, essa doação significava a

junção de ambas as partes, que até então estavam separadas, no vínculo da mais estreita união possível. O povo de Israel, por exemplo, era chamado pelo nome de IAHWEH (Deuteronômio 28, 9, 10), bem como a cidade de Jerusalém e a arca (Jeremias 32:34; 2 Samuel 6:2). No Novo Testamento, a expressão **“batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”** (Mateus 28:19) significa a união entre o batizando e a Divindade; a “passagem para as mãos de um novo proprietário”¹. Interessante, não? Isso significa que, ao sermos batizados nas águas, estreitamos nosso relacionamento com Deus e afirmamos diante de todo o Universo que pertencemos somente a Ele. Que privilégio ser um com Deus!

- 3) *A mudança de um nome simbolizava a mudança de caráter.* Existem ainda na Bíblia pessoas que tiveram seus nomes modificados por Deus. Essa mudança representava a regeneração ou a condenação que o Senhor efetuava na vida de um indivíduo. O nome “Jacó”, por exemplo, significa “usurpador”. Ele recebeu esse nome porque, ao nascer, **“segurava no calcanhar do seu irmão”** (Gênesis 25:26). Parece que esse singelo gesto comprovou o caráter herdado por Jacó durante parte da sua vida, afinal, usurpou o direito de

¹ J. D. Douglas, *O Novo Dicionário da Bíblia – Edição revisada* (São Paulo: Vida Nova, 2006), 3ª edição, pág. 938.

primogenitura que pertencia ao seu irmão Esaú. Mas Deus trabalhou em seu coração e transformou-lhe o caráter, mudando o seu nome para “Israel”, que significa “príncipe”. Portanto, o nome é a pessoa. O homem novo, Israel, é o nome novo, Israel. Por outro lado, “Pasur”, que era filho de sacerdote em Israel, teve o seu nome mudado por Deus para “Terror-Para-Todos-Os-Lados” (Jeremias 20:3), numa evidente condenação divina por ter prendido o profeta Jeremias num tronco. Imagine a frustração desse homem ao carregar um estigma tão vergonhoso!

- 4) *O nome trazia consigo o grau de parentesco.* Além de o nome revelar características históricas e de caráter de uma pessoa, a Bíblia apresenta junto ao nome o grau de parentesco direto de alguns personagens. “Abraão, filho de Terá”, “Salomão, filho de Davi”, “Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias”... E assim vai. Hoje, nós usamos o sobrenome para denotar a família à qual pertencemos. Daí vêm os “Silva”, “Oliveira”, “Souza” etc. Então, dentre as várias funções de um nome, percebemos que uma das principais é evidenciar a quem os indivíduos pertencem e de qual família fazem parte.

A ESSÊNCIA DO MANDAMENTO

O terceiro mandamento possui pelo menos duas aplicações muito importantes: **(1)** Não devemos pronunciar o nome de Deus de forma pejorativa; **(2)** Não

devemos viver de forma leviana, como se Ele não existisse.

(1) Não devemos pronunciar pejorativamente ou de forma leviana o nome de Deus.

Quem deu nome a Deus? Bem, parece uma pergunta simples e infantil, não é mesmo? Mas nos bastidores dessa curiosa indagação escondem-se fantásticas revelações a respeito da natureza do Criador do Universo. A verdade é que o nome do Senhor é tão eterno quanto Ele mesmo, assim como o Seu caráter O acompanha desde a eternidade. Seus atributos transcendem o tempo e o espaço. O nome de Deus é tão maravilhoso que uma simples descrição e sentença são incapazes de resumir toda a Sua grandeza.

Existem na Bíblia dezenas de nomes e títulos atribuídos a Deus. Dentre eles, destaca-se o tetragrama YHWH (o antigo hebraico possuía apenas consoantes), considerado pelos judeus como um título tão sagrado que nem mesmo o pronunciavam quando liam as Escrituras. Ao invés disso, liam Adonai. Encontramos outros nomes, como, por exemplo, El Shadai (Deus Todo-Poderoso), Yhwh-Yireh (Deus proverá) e El Olam (Deus Eterno). Os nomes atribuídos ao Eterno são mais do que um enunciado - são verdadeiras proclamações de poder, graça, virtude e majestade.

Podemos metaforicamente dizer que os nomes atribuídos a Deus formam um lindo mosaico, desenhado com várias matizes e nuances que compõem uma descrição perfeita

de Deus. Assim como uma cor e uma linha não configuram uma obra prima, um nome apenas é incapaz de definir quem é Deus. Dessa forma, o vitral de Deus revela ao Universo a pintura do caráter do Altíssimo em seus diferentes tons. O amor, a bondade, a justiça e a misericórdia do Senhor são cuidadosamente pincelados por nomes que encapsulam em suas sagradas letras a essência da beleza divina. Assim, quando quebramos o terceiro mandamento, difamamos Seu caráter, jogando pedras em Seu vitral.

O Salmo 111:9 diz: **“Santo e tremendo é o Seu nome”**. O nome de Deus é santo e tremendo, porque essas são qualidades de Deus. O Seu nome revela quem Ele é. Deus é santo no sentido mais profundo e largo da palavra. Sabendo disso, devemos sempre santificar o nome do Senhor e utilizá-lo com a maior sacralidade possível. Foi isso o que o próprio Cristo nos ensinou na oração modelo, ao introduzi-la com as seguintes palavras: **“Pai nosso que está no Céu, santificado seja o teu nome”** (Mateus 6:9).

Apenas as pessoas que conhecem a Deus têm a capacidade de “santificar o Seu nome”. Quem ignora a existência de Deus ou se desvia de Sua constante presença será capaz de tratar o nome do Senhor de forma comum e banal. Nunca deveríamos usar, por exemplo, expressões como “o cara lá de cima”, ou “Jesus é um cara legal”. Deus não é uma pessoa qualquer. Dizer para Deus “eu te determino” ou “eu te ordeno” também trazem consigo um total equívoco a respeito da natureza do Deus Eterno. A Bíblia diz que os anjos escondem o

rosto quando estão diante da santidade de Deus e dizem: **“Santo, santo, santo”** (Isaías 6:2, 3; Apocalipse 4:8). Agora, pense comigo: Se os anjos imaculados adotam essa postura reverente quando estão diante da presença do Altíssimo, quanto mais nós, frágeis seres mortais e pecadores deveríamos pronunciar devidamente o nome do Senhor! Precisamos repensar na forma como pronunciamos o nome de Deus. Ellen White descreve que “todos deveriam meditar em Sua majestade, pureza e santidade, para que o coração possa impressionar-se com uma intuição de Seu exaltado caráter; e Seu santo nome deveria ser pronunciado com reverência e solenidade”.²

A Bíblia é clara ao dizer: **“Não vos enganeis. De Deus não se zomba. Aquilo que o homem semear, isso ceifará”** (Gálatas 6:7). Deus é o Rei do Universo. A forma como mencionamos o Seu nome revela a noção que temos a Seu respeito. Se eu trato a Deus da mesma forma como trato o meu companheiro de partida de futebol, eu reduzo o Senhor à minha própria imagem e semelhança pecaminosa, e o aprisiono em minhas lâmpadas mágicas fantasiosas.

Muitas pessoas, até professos cristãos, usam ainda o nome do Senhor como uma mera interjeição. Expressões como “Ai, meu Deus!”, “Oh, Jesus Cristo!” ou “Meu Deus amado!” ditas a todo o momento e de forma

² Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 16ª edição, pág. 307.

desnecessária devem ser deixadas. Essa verbosidade sem sentido revela um quadro de espiritualidade crítica aguda. Nesse caso, é necessária uma intervenção cirúrgica no coração, com urgência. Afinal, é dali que procedem a maldade e o equívoco espiritual que professamos da boca para fora (Mateus 15:18, 19). Lembremo-nos de que as “vãs repetições” em nosso louvor e orações também devem ser abandonadas (Mateus 6:7, 8). Isso nos deve levar a profundas reflexões não apenas com respeito ao que falamos, mas também com as letras de músicas que cantamos. Algumas canções são verdadeiras blasfêmias (grego *blaksfemia*, que significa “falar mal”) e profanações do nome de Deus, pois repetem desnecessariamente o nome do Senhor e envolvem a letra com ritmos que remetem ao mundanismo e banalização daquilo que é sagrado.

Por outro lado, cantar uma música na igreja sem o verdadeiro espírito de adoração e compreensão do que se canta, também é “tomar o nome do Senhor em vão”. De que vale cantar ou falar apenas “da boca para fora”, sem entendimento? Deus quer ouvir as notas e afinação do nosso coração. Precisamos aprender a adorar “em espírito e em verdade” (João 4:23). Em vez de discutirmos qual é o verdadeiro louvor, deveríamos, primeiramente, perguntar a nós mesmos: “Sou um verdadeiro adorador?”

(2) Tomar o nome de Deus em vão é viver de forma errada e incoerente.

Você já deve ter ouvido alguma vez a palavra “hipócrita”.

Sabe o que significa? Antigamente, o termo grego “*hipócrita*” era atribuído aos atores que usavam máscaras em suas peças teatrais e desempenhavam seus papéis fictícios. Jesus usou largamente essa palavra para descrever os fariseus e líderes religiosos que eram amantes da religião formal, mas não possuíam nenhuma espiritualidade. Como “sepulcros caiados”, eram belos por fora, mas podres por dentro. Atrás da casca, havia mofo e cupim. Jesus nos adverte contra os diversos “papéis” que adaptamos em nossa vida, ao dizermos que somos cristãos e vivemos o oposto dessa afirmação. Afinal, “somos espetáculo ao mundo” e devemos viver à altura daquilo que professamos.

Preste atenção neste conselho: “Em cada ato da vida deveis tornar manifesto o nome de Deus. Esta petição é um convite para que possuais o caráter dEle. Não Lhe podeis santificar o nome, nem podeis representá-Lo perante o mundo, a menos que na vida e no caráter representeis a própria vida e caráter de Deus. Isto só podereis fazer mediante a aceitação da graça e justiça de Cristo.”³

A Bíblia claramente se posiciona quanto a essa linha de pensamento: “***Diz o insensato no seu coração: Não há Deus***”. Salmo 14:1. Para o apóstolo Paulo, o conhecimento acerca de Deus, bem como a Sua divindade e o Seu eterno poder, podem ser claramente reconhecidos através das coisas criadas, diante dos quais todos os homens são “***indesculpáveis***” (Romanos 1:20).

³ Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, págs. 93 e 95.

Seguindo esse raciocínio, Abraham Lincoln falou de forma apropriada: “Eu entendo que um homem possa olhar para baixo, para a terra, e ser um ateu; mas não posso conceber que ele olhe para os céus e diga que não existe um Deus”.

Estamos vivendo aquilo que professamos? Estamos honrando a Deus com palavras e atos? Deus não está imóvel. Ele não é uma ideia abstrata de mentes limítrofes. Deus existe e Ele tem nome. Por mais atacado que seja, esse nome permanecerá para sempre.

CONCLUSÃO

O terceiro mandamento coloca Deus e o homem em suas devidas posições. Deus é Deus; o homem é pó. Deus é santo; o homem é pecador. Deus é Soberano; o homem é servo. Deus é Pai; o homem é filho. O incrível nessa relação é que, mesmo separados por um abismo colossal, Ele ainda nos considera como filhos. Que honra! Esse abismo foi coberto pelo amor, justiça e misericórdia de Deus, ao Jesus ser levantado numa humilhante cruz. Através desse amor infinito, podemos novamente fazer parte da família celestial e um dia recebermos um novo nome no Céu, que representará a experiência de vitória que tivemos com Deus (Apocalipse 2:17). Que bênção maravilhosa!

APELO

Você deseja ter o caráter transformado? Permita-me fazer uma sugestão: Procure conhecer mais a Deus através da

leitura da Bíblia e da prática da oração. Você se surpreenderá com a grandiosidade do Seu poder, misericórdia, santidade e justiça. Quanto mais nos aproximarmos dEle, mais O conheceremos e O respeitaremos. Em contrapartida, perceberemos a nossa pequenez e total dependência dEle.